

O FEMININO E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Rajaa Stitou

► **To cite this version:**

Rajaa Stitou. O FEMININO E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO . Psicologia Clínica, Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013, 10.1590/S0103-56652013000100013 . hal-01432513

HAL Id: hal-01432513

<https://hal-amu.archives-ouvertes.fr/hal-01432513>

Submitted on 11 Jan 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

O FEMININO E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Femininity and the difference between the sexes

Mme RAJAA STITOU

Psychanalyste, Maître de conférences en psychopathologie

Université Montpellier III

Membre de L'EA3278 de l'Université d'Aix-Marseille 1

Adresse personnelle :

30 rue Foch-34000 Montpellier

rstitou@wanadoo.fr

Tel : 04-67-60-20-87

Palavras-chave: feminino, diferença de gênero, subjetividade, mutações culturais.

Keywords : Femininity, difference between the sexes, subjectivity, cultural change.

O FEMININO E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Femininity and the difference between the sexes

Resumo

A questão do ser feminino ou masculino não é apenas uma questão de anatomia ou de biologia. Ela se relaciona com a subjetividade e é igualmente marcada pela cultura. Os rituais e mitos coletivos, cuja função é dar sentido ao enigma do feminino e ao que diferencia os sexos, demonstram isso claramente. Ora, o que acontece com esses ritos, com os quais cada sujeito envolve-se individualmente, frente às mutações culturais? A experiência clínica com sujeitos imigrantes demonstra que quando esses rituais são reduzidos meramente à sua utilização desprovida de qualquer sentido, eles perdem a sua eficiência simbólica. Isso acarreta conseqüências subjetivas, especialmente quando o sujeito não lança mão de outras referências ou modelos que lhe permitam reconhecer-se em sua condição de ser sexuado e aceitar a diferença.

Palavras-chave: feminino, diferença de gênero, subjetividade, mutações culturais

Abstract:

Femininity and the difference between the sexes are examined in their relationship to subjectivity and to cultural constructions, the forms of which change depending on the time and place. These constructions, which each subject must appropriate in a singular way and according to his or her own history, represent a certain necessity. They allow us to give meaning to the enigma of sex. However, they can also expose us to the risks of a subjective collapse when they become detached from their symbolic support.

Keywords: Femininity, difference between the sexes, subjectivity, cultural change

O FEMININO E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Ao inscrever a sexualidade no âmago da vida psíquica, Freud referiu-a a uma falha subjetiva que diz respeito a cada sujeito na sua relação com o desejo e o inconsciente. Essa falha é a razão pela qual nenhuma respostaⁱ, nenhum conhecimento comprovado consegue esgotar a questão: o que é um homem? O que é uma mulher?

Do ponto de vista psicanalítico, o ser feminino ou masculino não é apenas uma questão de anatomia ou de biologia. Trata-se de um pressuposto subjetivo que se apoia na cultura e que passa pela linguagem, mas que não se limita a ela. De fato, todas as culturas conferem um *status* ao feminino e ao masculino. Essas construções socio-culturais são necessárias, mas não podem ser compreendidas sem levar em consideração essa Outra dimensão mencionada anteriormente, ou seja, essa falha, essa incompletude que está na origem de toda subjetividade: ao encontrar o seu desejo, o sujeito falante depara-se com a sua falta, primeiramente nele mesmo e, em seguida, na sua relação com o outroⁱⁱ. A diferença entre os sexos, que remete à diferença de um modo geral, e sem a qual nenhum laço social seria possível, pode apenas ser apreendida a partir dessa falta.

Podemos enfatizar preliminarmente que se a "libido é essencialmente masculina", segundo Freud (1923/1969, p.114), o enigma, seja para um homem, seja para uma mulher, é sempre feminino. O que distingue um sexo do outro é a maneira de posicionar-se perante esse enigma que constitui a parte rebelde, insubmissa às leis da linguagem e que diz respeito a cada indivíduo, no seu modo de gozar. É isso que leva Lacan a afirmar que "nem tudo que é do feminino está inscrito na função fálica" (1972-

73/1975, p. 67). De acordo com esse autor, o "falo", que deve ser compreendido, antes de tudo, na sua dimensão significante, ou seja, referente às leis da enunciação e da linguagem, não possui nenhum equivalente, no sexo oposto. O sexo feminino, com sua característica de vazio, contém uma parte real que não pode ser simbolizada e que escapa à função fálica.

Esse enigma, essa parte do feminino que não pode ser nomeada, que Lacan enfatiza e que o próprio Freud acabou batizando de "continente negro", sempre suscitou perguntas, desde os primórdios da reflexão humana. Ela também sempre foi complementada por ficções. Os ritos e mitos coletivos, como também os ritos e mitos individuais do neurótico, nada mais são do que perguntas sobre o que é uma mulher, um homem, o sexo, a morte...

Ora, qual seria a influência das transformações culturais, das mudanças das referências pelos quais cada sujeito orienta-se individualmente para dar sentido a essas questões? A prática clínica com os sujeitos imigrantes, que são confrontados com um novo mundo que não contém mais os mesmos rituais e ancoragens simbólicas, é rica em ensinamentos. O que procuramos demonstrar, apoiando-nos na nossa prática orientada pela psicanálise, baseada na escuta do sujeito na sua articulação com o elo social, é que as transformações das referências não deixam de ter repercussões subjetivas. Elas vão de par com as mudanças psíquicas. A experiência indica, de fato, que o enigma do feminino e da relação com o Outro sexo reatualiza-se de maneira aguda nesses momentos de passagem (crescer, tornar-se mulher, mãe...). Estes lembram ao sujeito sua incompletude e sua condição de ser sexuado. Essa prova pode concernir qualquer sujeito, independentemente de sua origem cultural, mas o seu impacto é muito maior

dentro do contexto da imigração e pode expô-lo ao risco de fracasso quando nenhum suporte simbólico detém a ansiedade que ela gera.

Para ser apaziguada, essa ansiedade precisa recorrer a um mito, a uma ficção, a fim de proteger-se contra a insuportável realidade. É assim que as vias de acesso ao desejo e à fala podem ser reabertas. Mas, os ritos e as ficções que deles resultam são, por vezes, abandonados na nova pátria ou, então, reproduzidos, mas não transmitidos. Ou seja, eles são reduzidos a um uso que é desconectado do seu valor simbólico. Eles não são acompanhados de narrativas e de significação.

Isso é o que percebemos em alguns sujeitos imigrantes cujo sofrimento, como veremos, envolve o relacionamento problemático com a identidade sexual e com o enigma do feminino.

Para entender melhor essa problemática, proponho analisar, numa primeira etapa, o que subjaz na função dos rituais e os recursos utilizados em algumas culturas (África, Magrebe) para criar o relacionamento com o enigma do sexo e acompanhar, coletivamente, cada sujeito em seu devir feminino e masculino. Num segundo passo, vamos examinar o destino desses ritos em terra estrangeira, bem como as implicações clínicas associadas a eles.

A função do ritual em relação ao enigma do feminino e do sexual

A maioria dos trabalhos que tratam da dimensão do rito (antropológico, sociológico ou psicológico), a começar por aqueles de Lévi-Strauss (1958/1995), são unânimes em afirmar que o rito abre o caminho da simbolização.

Todas as culturas constroem montagens para aliviar a ansiedade e manter-se à distância da insuportabilidade do real. Seja ele religioso ou laico, tradicional ou moderno, o ritual responde a uma necessidade: proteger e humanizar. Trata-se de uma proteção contra o incompreensível que habita irredutivelmente todos os sujeitos. É essa dimensão do incompreensível que é celebrada por meio de nomeações, imagens e símbolos desde que o ser humano começou a falar. É assim que os laços sociais são tecidos e reconstruídos, os quais não são outra coisa que laços de linguagem, laços que se baseiam numa proibição fundamental: a proibição do incesto, o que implica a não-confusão dos gêneros e das gerações. O homem não consegue viver sem essas proteções que o ligam ao outro e que fornecem suportes identificatórios. Mas, o ritual não consegue designar a coisa que ele convoca e pretende designar. O que ele designa é sempre subvertido, pois se encontra preso numa forma, numa imagem, com a reivindicação incessante de uma identidade. Deve, portanto, sempre ser reconstruído, pois pode falhar em atingir o seu objetivo. Podemos afirmar que o rito possui uma dupla face: revelar Outra realidade, a qual M. Eliade (1976/1992) chama de Hierofania, ou seja, o que significa etimologicamente revelar, além do nosso pertencer ao mundo, e ocultá-la através de códigos e da convenção da linguagem. Entre as montagens culturais que lidam com o enigma do sexo, há o rito de circuncisão e o rito de nubildade. No mundo hebraico, a circuncisão é um sinal de aliança. A perda do prepúcioⁱⁱⁱ após o oitavo dia do nascimento da criança é compensada pela doação de um nome. Mas, como no mundo muçulmano, a circuncisão permite renovar, sem encerrar o significado da questão: o que é um homem, o que é uma mulher? É uma marca (a circuncisão como corte do prepúcio) na carne de todos os machos. Uma marca que, antes de tudo, deve

ser compreendida como um ato através do qual a diferença sexual é situada do lado da falta, do corte.

O feminino e a marca do ciclo de sangue

A circuncisão representa uma mudança na vida de um menino. Para a menina, é o surgimento da primeira menstruação que marca o seu corpo, o que não ocorre sem angústia. Essa questão não passou despercebida por Freud, que nos primórdios da psicanálise escreveu sobre esse assunto numa carta a Fliess: "Só agora começo a entender a neurose da angústia" (Freud, 1896-1902/1973, p.141).

Para a menina, o advento da menstruação inicia uma nova temporalidade marcada pela lei da repetição, pontuada pelo ciclo menstrual. Nesse momento específico, no momento da nubilidade, quando a menina que se torna mulher depara-se com a realidade do seu organismo, ocorre, às vezes, uma iniciação. Assim, em algumas partes do Magreb, o corpo da menina torna-se, nesse momento, superfície de inscrição. A hena ou, às vezes, a tatuagem (*wachma*), também chamada de "escritura em ponto", é aplicada para registrar uma mutação, uma nova posição do feminino. É importante observar que o Islã proíbe a tatuagem. No entanto, esta prática milenar não é apenas mantida, mas, paradoxalmente, também aplicada em nome de Deus, o que é uma maneira, de acordo com A. Khatibi, de "substituir a ordem de Deus pela estratégia humana do desejo" (1974, p.102). A diferença entre a hena e a tatuagem é que a primeira é provisória e desenhada na pele com um pedaço fino de madeira, enquanto que a segunda é permanente e inscrita no corpo com uma agulha. Ambas objetivam proteger o sujeito contra o lado insuportável do real e de inscrever no corpo o que

determina o ser feminino. Essas inscrições corporais também são realizadas na época do casamento. Essas operações, através das quais se evidencia a separação dos sexos e que se encontram também em outros contextos culturais, tornam possível e imaginável a sexualidade e a procriação. Entre os Nuers da África Oriental (pastores do Sudão), o feminino é inconcebível fora do contexto maternal. No caso da "esterilidade", que é vista como algo muito grave e que prejudica o vínculo social, altera-se o status da pessoa, independentemente do sexo anatômico, para restaurar uma ordem, um regulamento, um equilíbrio. Nessa sociedade, as mulheres inférteis são consideradas como homens. Elas podem tomar esposas que um homem da tribo pode fecundar. Mas, são elas que serão chamadas de pai por seus filhos ou de marido por suas esposas.

Os rituais, os cultos e até as ideologias, independentemente de suas formas e cerimônias, conferem, assim, um significado ao impensável. Mas, eles podem também tender para o lado da violência e da barbárie, quando seu uso sobrepõe-se à sua função de vinculação, à sua dimensão simbólica.

O dever do ritual em terra estrangeira

A questão que se coloca aqui é a seguinte: o que acontece com os ritos, nos quais cada sujeito se envolve de maneira individual, perante as mudanças culturais, para aqueles que se encontram num contexto estrangeiro por terem optado viver longe da pátria ou terem sido obrigados a emigrar?

Como os ritos podem assegurar a sua função protetora num contexto que não é baseado num suporte familiar, que abala o sujeito exilado na sua cultura, nas suas

ficções, no que elas compensam a falta de ser, regular sua relação com o desejo, as diferenças entre os sexos e as gerações?

Como expliquei em trabalho anterior (1997, p.16), a prova da estranheza reatualiza inevitavelmente o "quem sou eu?" no nível da identidade, o que só pode ser respondido por meio de uma narrativa que ajuda a cada um a encontrar seus marcos nas referências míticas. Através dela ressurge, de maneira aguda, a questão da origem, do pertencimento e da transmissão que exige mudanças que permitem investir em outros códigos e tecer novas relações. Se a expatriação pode levar alguns a encontrar o caminho da sublimação, para outros a vivência dramatizada dessa experiência confronta-os com uma perda de sentido e com o abalo de suas referências. De fato, a mudança de país, de idioma e de cultura pode reanimar, muitas vezes, de maneira violenta, as falhas subjetivas e as feridas da infância.

Mas, como manter à distância essa violência quando o sujeito sente-se excluído do universo de suas crenças ou, ao contrário, quando a ele agarra-se de maneira extrema?

A prova do desconhecido, atualizada pela expatriação, e através da qual ocorre, por vezes, o desnudamento do sujeito, poderá alcançar uma dimensão dramática se nada restringir a angústia que ela causa.

As dificuldades atravessadas pelas quais as famílias expatriadas (essencialmente magrebinas ou africanas) que conhecemos aumentam frequentemente e tornam-se mais agudas durante os momentos críticos da existência (crescer, tornar-se mulher ou homem, tornar-se mãe...), ou seja, durante os tempos de passagem e das transformações psíquicas que forçam o sujeito a enfrentar a incompletude ou a falta de ser, mas que não

podem ser simbolizadas como se as construções fantasmagóricas, as referências significantes desses indivíduos estivessem fracassando num contexto que não contém as mesmas ficções. Observemos que nas sociedades ditas tradicionais, a puberdade e o devir feminino são considerados um período de incerteza que expõe o sujeito a todos os perigos, daí a necessidade do ritual. Ao crescer, a criança é obrigada a mudar de lugar, mas também obriga os pais a deslocarem-se e a entregarem-se ao tempo como seres falantes, inscritos numa filiação, mortais e sexuados. Trata-se de uma verdadeira mutação que exige passar pela desconstrução/reconstrução das representações que permitem habitar o corpo de forma diferente, de inscrever-se em um novo relacionamento com o eu e o outro. O ritual em torno do qual mobiliza-se toda a comunidade permite à criança em crescimento atravessar um período de errância e de indecisão em relação ao pertencimento, o que implica uma nova identificação sexuada, bem como uma re-apropriação dos laços com os outros. Após este tempo de errância, aceito pela sociedade, que permite ao sujeito reconhecer-se simultaneamente diferente e semelhante aos outros, advém o tempo de agregação (Van Gennep, 1909), o qual constitui uma reconsagração da identidade. Os pais e os parentes são levados a olhar o adulto e a mulher em formação aceitando seu enigma, conferindo-lhe outro lugar, a partir de novos limites, inscrevendo uma nova ordem de trocas. Este deslocamento do olhar é associado a palavras carregadas de referências simbólicas. Assim, o rito afasta o caos e o instinto de morte.

A experiência clínica com sujeitos imigrantes mostra que, quando esses rituais são reduzidos à simples utilização desprovida de qualquer sentido, eles perdem a sua eficiência simbólica. Isso acarreta consequências subjetivas, especialmente quando o

sujeito não consegue referir-se a outras referências ou modelos de identificação que lhe permitam reconhecer-se na sua condição de ser sexuado e de aceitar a diferença.

Na nova pátria, alguns sujeitos abandonam os ritos e as crenças em torno desses momentos, ou os consideram como signos folclóricos.

Há entre eles os que rejeitam as suas crenças, com as suas diferenças, para adaptarem-se ao país anfitrião: sentem apenas vergonha e culpa por não serem iguais aos nativos, o que indica um sentimento de identidade em falência. Essa assimilação forçada afeta, com frequência, as crianças que se deparam com um impasse no nível da transmissão. Apesar do fato de que cada caso deve ser compreendido individualmente, a experiência clínica demonstra que essas crianças recebem apenas o silêncio no lugar das referências culturais e idiomáticas. Às vezes, o silêncio é mortal e não lhes permite apropriarem-se de sua história, elaborá-la, para poder abrir-se para outras relações. Elas são excluídas de toda narrativa sobre esse outro lugar do qual são portadoras. Seu sofrimento manifesta-se, muitas vezes, através da inibição de construir, de inscrever-se na relação com o outro, inclusive com o sexo oposto.

Por outro lado, alguns pais agarram-se de maneira defensiva ou até grotesca à sua tradição, tornando-se mais africanos do que os africanos, mais muçulmanos do que os próprios muçulmanos... Eles insistem em exibir suas tradições, mas separam-nas de qualquer ficção. Assim, os ritos de passagem, que deveriam permitir, por exemplo, à criança em crescimento de metaforizar as rupturas pelas quais ela atravessa, são reduzidos, no estrangeiro, a sinais desprovidos de qualquer conexão idiomática. A criança muçulmana, por exemplo, será circuncidada, mas o ato ritualizado, cuja finalidade é de tornar essa marca física significativa ao presentificar a diferença entre os sexos e as gerações do lado da falta, transforma-se em agir. Ele torna-se um agir

medicalizado que não transmite nenhum significado. Em outras palavras, a tradição de cortar o prepúcio suplanta o esteio simbólico sem o qual nenhuma possibilidade de deslocamento metafórico existe. Nesse caso, a circuncisão pode ser vivenciada pela criança não como algo estruturante, mas como uma mutilação, uma violência incomensurável que impede a criança de investir o seu corpo como um corpo sexuado e desejante.

Esse exemplo da transformação da circuncisão no estrangeiro aplica-se a todos os rituais, como o rito de nubilidade que diz respeito ao tornar-se mulher. Esses ritos são gradualmente abandonados e/ou não se inscrevem mais numa lógica de transmissão, mas de reprodução, ou seja, eles não são mais acompanhados por mediações, significados e nomeações, o que resulta também em incidências subjetivas.

O período de nubilidade pode realmente, nesse caso, transformar-se em desordem. Em lugar de resultar em algo construtivo, ela torna-se a fonte de mal-estar e sofrimento, tanto para a garota que está tornando-se mulher, quanto para seus pais. Alguns pais expatriados vivenciam o enigma do feminino que sua filha encarna como uma nova "prova do estrangeiro" (Berman, 1984).

A prova do estrangeiro não apenas os remete à imigração e à diferença cultural, mas também a essa prova do indizível inscrito no âmago do assunto, inerente a esse Outro palco que é o inconsciente. Essa prova comporta o risco da violência quando nenhuma mediação metaforiza a passagem do devir feminino mantendo a dialética da subjetividade e da realidade cultural, do próximo e do distante, do familiar e da estranheza. Devido à ausência ou fragilidade dessa mediação simbólica, os pais imigrantes associam, ou até confundem a estranheza relacionada ao feminino e ao lado obscuro do sujeito com o outro não-semelhante, o culturalmente diferente. A estranheza

é então vivida na sua versão insuportável. A menina que cresce e cujo corpo transforma-se lhes escapa. Ela torna-se uma estrangeira, o que eles aceitam com muita dificuldade. Vários pais nos têm pedido para ajudar suas filhas a voltarem a ser como eram antes, conforme a imagem da criança maravilhosa, inalterada e imutável. Isso não ocorre sem ansiedade e, muitas vezes, é nessa época que eles forçam suas filhas a regressarem ao país de origem, como se, com a volta à cultura "de origem", supostamente imutável, eles pudessem livrar-se do desconhecido e reencontrar o mesmo, o idêntico. É o imaginário que domina aqui. Essa maneira de apegar-se, não à função simbólica da cultura, mas ao que eles imaginam ser imutável, desestabiliza as referências de identificação das crianças. Recordamos aqui Lina, adolescente de origem turca de quinze anos. Tivemos apenas um único contato com ela, no CMPP (Centro médico-psico-pedagógico)^{iv}, após uma entrevista com seus pais. Bastou ouvi-la e vê-la para reconhecer o estranho nela e fora dela, não como uma ameaça a ser eliminada, mas como aquilo que a remete ao que ela tem de mais íntimo. Em seguida, ela foi transferida para um local de atendimento mais próximo do seu lar.

Fragmento clínico

Segundo seus pais, ela tornou-se irreconhecível, teria desestabilizado toda a família com o seu comportamento que difere dos costumes e das leis do seu país (saídas frequentes, extravagâncias...). Os elementos culturais são invocados desde o início para ilustrar a estranheza da qual sua filha é portadora e do imenso sofrimento que isso gera. Trata-se de uma relação defensiva com a cultura que deve ser levada em consideração, pois ela permite entender o grau de envolvimento de cada um e o que há de sintomático no laço familiar e de transmissão. Então, o que os pais apresentam ser suas

preocupações é a não-conformidade de sua filha com o que suas tradições definem como "ser mulher". E isso os preocupa. Mas, Lina afirma o mesmo dos seus pais, insistindo no sentimento de estranheza vivenciado por ela. Ela não os entende e diz sentir-se estranha à cultura turca da qual nada conhece, exceto as especialidades culinárias de sua mãe, ou ainda restrições e imposições dolorosas. A cultura turca transmitida pela sua mãe foi, então, investida como uma ferida. Porém, ela disse mais tarde, ao reconectar-se à palavra, ter sido marcada, durante a sua infância, por contos e histórias turcos contados por sua avó paterna, nas raras ocasiões que esta vinha visitá-los de Istambul. "Isso me acalmava e me fazia sonhar." Porém, ela também é uma estranha para si, pois afirma não se reconhecer nos momentos de angústia. Lina vive a sua feminidade com muita dificuldade e seus pais também. Eles enxergam-na como se fosse portadora do insuportável. Esse olhar a perturba e ela tenta livrar-se dele. É ao redor dessa feminidade insuportável, transferida para a não-conformidade com a cultura do país de origem, que surgiu o sofrimento de Lina e que os conflitos com seus pais cristalizaram-se. O advento da menstruação foi um evento traumático. O rito destinado a acompanhar esse momento de transição durante o qual manifesta-se o real do corpo, amarrando-o ao imaginário e ao simbólico, não foi presenciado pela sua família e muito menos pela sua mãe, que, não obstante, refere-se incessantemente às suas tradições. Essa última também disse ter se arrependido de não ter realizado nenhuma cerimônia ritual e explicou ainda que a ausência da família mais ampla a tinha desencorajado. Faltava então a Lina uma narrativa que lhe permitisse manter à distância esse evento físico e simbolizar o que faz falta, na ficção. Lembramos que o rito de nubildade permite não apenas dar um sentido ao enigma do feminino e do sexual, mas também garantir a função da reconsagração da identidade.

Esse ritual de iniciação diz respeito tanto à jovem mulher, quanto aos seus próximos que a enxergam de maneira diferente, pois crescer, tornar-se mulher, não é um assunto particular, mas um evento a ser compartilhado que pode ser inscrito nos laços sociais, que permite à família reunir-se em torno daquilo que permanece enigmático e impensado para poder metaforizá-lo. Porém, o que acontece quando esse enigma torna-se insuportável? Além do rito não ter acontecido para a Lina, ele também deu lugar a declarações de uma violência devastadora por parte de sua mãe: "Você tornou-se uma mulher, vamos ter que vigiar você bem de perto." Desde então, nada mais funciona em relação ao Outro parental e ao seu corpo, que apenas manifesta-se por meio de dor abdominal, dores de cabeça, tensão nervosa... A ineficácia dos analgésicos levou o médico a prescrever um anticoncepcional. Segundo ele, Lina sofre de uma síndrome pré-menstrual grave. Ele também a aconselha a consultar um psiquiatra, pois essa pode mascarar uma depressão. A mãe de Lina recusa o anticoncepcional, pois ele poderia levar sua filha a perder-se, levá-la à deriva sexual. Para ela, a única saída é voltar ao país de origem.

Temendo que a ameaça de seus pais (o retorno ao país de origem) seja realizada, Lina procurou a ajuda de uma assistente social. Essa tomou as medidas necessárias para encontrar um lugar num lar de meninas para ela. Mas, Lina desistiu, pois não suportava a idéia de ver sua família infeliz. Os pais, quando são contatados pelo juiz, entram em colapso. É nesta atmosfera de drama que Lina tenta suicidar-se.

É na ação, uma ação simétrica com aquela da família e da assistente social que Lina tenta escapar da tensão entre o desejo de manter os laços com os pais e a tentativa de afirmar a sua individualidade. A incerteza da adolescência, que aqui redobra o enigma do feminino, causa uma ansiedade que cria a necessidade de passar por marcos

simbólicos, mas que encontra, como resposta, apenas um discurso objetivante e a ignora enquanto sujeito. A tentativa de suicídio pode ser entendida como uma tentativa de fugir do lugar que os outros lhe impõem, ou para o qual eles tentam levá-la de volta, sem, contudo, encontrar o seu lugar. É um apelo, uma demonstração do que não pode ser dito. O mal-estar de Lina, a expressão da dor que acompanha a manifestação da menstruação, foi apenas compreendido na sua dimensão orgânica ou biológica. A obstinação da racionalidade médica leva os pais, especialmente a mãe, a recorrer às tradições, um recurso desprovido de qualquer dimensão simbólica que, ao contrário, representa um ato de violência contra Lina.

Por um lado, os pais exigem o retorno para o mesmo (através do retorno às origens, a Turquia) perante a estranheza insuportável refletida pela sua filha que se torna mulher. Segundo eles, é o modelo ocidental que lhes subtrai os filhos. Por outro lado, respondendo ao pedido de Lina e pensando em fazer o bem, a assistente social desaprova as referências culturais dos pais e oferece-lhe outro lugar de assimilação artificial. Ambos os lados atribuem à Lina um lugar que não é o dela, o de um fantasma de completude ou de conformismo que a impede de ocupar a posição de sujeito a partir daquilo que a divide e é misterioso para ela.

Mas, o que a Lina necessita é ser reconhecida na sua descoberta individual do feminino, a fim de poder reconhecer-se, para poder enfrentar o desconhecido e abrir-se à alteridade. Como reconhecer-se, quando o outro a percebe como uma ameaça e não a aceita com esse saber enigmático que ela encarna? Reiteramos que é a opinião dos pais, mas também o social, que permite à criança (e isso repete-se na puberdade, no momento da nubilidadade e da adolescência), reconhecer-se, forjar suas identificações integrando a fronteira que a liga e a separa do outro. Nenhum sujeito consegue reconhecer-se se o

Outro não o reconhece. Mas quando o olhar do outro torna-se assediante ou perseguidor, quando o desejo não é vinculado, ele pode resultar em violência porque, paradoxalmente, a violência surge quando o sujeito sente-se ameaçado no que o protege e o humaniza.

Nenhuma palavra consistente parece apoiar Lina nesse tempo de passagem adolescente que, ao reavivar as mágoas da infância, ao revolucionar as relações com o corpo, ao perturbar as montagens imaginárias acerca do mistério do sexo, da origem e da morte, exige um trabalho de elaboração psíquica. Por não aceitar a transformação de Lina, seu meio social lhe impõe, ao contrário, permanecer presa em suas dificuldades. "Isso tinha que mudar" disse Lina. Essa falta de reconhecimento pode ser devastadora. "Eu não tenho medo de morrer", disse Lina também. "O que me mata é o olhar dos meus pais." Esse olhar do Outro, que se torna necessário para a reconstrução das identificações mostrou-se problemático no caso de Lina. Através dele, ela sente-se desmerecida enquanto mulher em crescimento. Às vezes fugaz, outras vezes apegada ao meu olhar, como se ela verificasse a sua consistência nos meus olhos, Lina expressa durante todo o nosso encontro seu sentimento de desorientação: "Se eu fosse um menino ou francesa, não estaria passando por esse inferno."

A nossa relação iniciou-se através de uma pulseira que eu usava naquele dia. Atraída por este objeto cujos desenhos "orientais" remetem a algo "extimo" (que evoca tanto o estrangeiro, quanto o familiar), Lina conseguiu abordar a questão de suas origens, sua história e sua posição feminina. Essa brecha criou uma oportunidade para indicar-lhe um ponto de partida para o trabalho, o que lhe deu a possibilidade de nomear seus ferimentos, ou seja, transformá-los em queixa e em seguida numa mensagem

endereçada ao Outro na transferência. É assim que ela conseguiu reinvestir o seu corpo como sendo vivo, desejante, sexuado.

Esse fragmento clínico demonstra que a construção da feminidade constitui uma prova no encontro entre o singular e coletivo, o que é dificultado, por vezes, no contexto da imigração, pois a estranheza à qual essa dimensão enigmática do feminino confronta-se é redobrada ao enfrentar a estranheza e a diferença cultural. Não raro, é pela valorização da cultura que o sujeito dá a entender seu sofrimento e a prova singular que atravessa. Essa prova pode ser estruturante quando ela consegue metaforizar-se e abrir-se à alteridade. Mas, ela pode também expor a riscos de fracasso quando é vivida como algo dramático e não é apoiada por um discurso construtivo. A relação com o feminino e com a diferença de gênero é ligada à subjetividade, mas é também marcada pela cultura, cujas formas de expressão mudam constantemente em função do tempo e do lugar. A experiência clínica indica que a manifestação do mal-estar do sujeito expatriado não é a única a questionar a sua ligação com a dimensão sócio-cultural. A expressão do sofrimento do nativo ocidental, sujeito da modernidade por excelência, também gera perguntas oriundas das mudanças culturais, das transformações dos ideais e dos modelos de identificação que permitem ao sujeito encontrar-se, reconhecer-se na sua condição de ser sexuado e aceitar a diferença.

O sujeito imigrante apenas revela, através da distância que introduz a sua diferença, a necessidade de levar em consideração a articulação entre a dimensão subjetiva e a cultural.

Consequentemente, as referências culturais não podem ser negligenciadas em nossa escuta clínica, mas com a condição de não confundir a cultura, que não existe

independentemente do sujeito, com o culturalismo, que consiste em encobrir o desconhecido com imagens exóticas.

Em outras palavras, não é tanto o uso dos rituais, mitos e crenças que é importante, mas a maneira pela qual cada indivíduo envolve-se neles individualmente, com a sua história, para criar suas identificações, ligar-se ao outro e sustentar-se no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P-L. (1993). Freud et les sciences sociales. Paris: Armand Colin.
- BLANCHOT, M. (1983). La communauté inavouable. Paris : Ed. de Minuit.
- BERMAN, A. (1984). L'épreuve de l'étranger. Paris: Gallimard.
- ELIADE, M. (1976). Initiations, rites, sociétés secrètes. Paris: Gallimard, 1988.
- FREUD, S. (1896-1902) Naissance de la psychanalyse. Paris: PUF, 1973.
- FREUD, S. (1923).L'organisation sexuelle infantile. In: La vie sexuelle. Paris: PUF, 1969.
- FREUD, S. (1928). L'avenir d'une illusion. Paris: PUF, 1993.
- GORI, R; Del Volgo, M-J. (2008). Exilés de l'intime. La médecine et la psychiatrie au service du nouvel ordre économique. Paris: Denoël.
- KHATIBI, A. (1974). La blessure du nom propre. Paris: Denoël.
- LACAN, J. (1972-73). Le séminaire Livre XX. Paris: Seuil, 1975.
- LEGENDRE, P. (1992). L'inestimable objet de la transmission, Paris: Fayard.
- LEVI-STRAUSS, C. (1958). Anthropologie structurale. Paris: Plon, 1995.
- NATHAN-MURAT, M. (1992). Anorexie mentale, excision et renoncement à la mère phallique. Revue du collège des psychanalystes. 41, p.86-96.
- RASSIAL, J-J. (1996). Le passage adolescent. De la famille au lien social. Ramonville St. Agne: Erès.
- STITOU, R. (1997). Universalité et singularité de l'exil. Psychologie clinique 3, p.13-20.
- THOMAS, L-V, LUMEAU R. (1986). La terre africaine et ses religions. Paris: L'Harmattan.
- VAN GENNEP, A. (1909) Les rites de passage. Paris: Nourry.

WINNICOTT, D-W. (1957). *L'enfant et le monde extérieur, le développement des relations*. Paris: Payot, 1989.

ⁱ A resposta para a pergunta: O que é um homem? O que é uma mulher? só pode ser dada por meio da linguagem, mas a linguagem não consegue expressar tudo. As próprias palavras contêm falhas e não podem corresponder totalmente às coisas que elas designam.

ⁱⁱ O desejo não pode resultar em total satisfação. O sujeito não apenas vivencia a experiência de sua incompletude, isto é, da falta no âmago do seu ser, mas também da complementaridade impossível entre os sexos. Ao contrário do reino animal, o encontro entre um homem e uma mulher não possui a simplicidade de um encontro entre um macho e uma fêmea.

ⁱⁱⁱ O prepúcio corresponde ao símbolo feminino nos meninos.

^{iv} O Centro Médico-Psico-Pedagógico desempenha a função de acolhimento, de ouvir e atender de maneira ambulatorial crianças e adolescentes com dificuldades psico-afetivas, escolares e de relacionamentos.

Sua missão é dar atenção ao sofrimento da criança e tentar facilitar as relações com seu ambiente familiar, escolar e social. O CMPP pode também ser procurado para uma consulta simples para uma criança ou adolescente que se encontra numa situação pontualmente preocupante, como no caso de Lina.

Lina foi de fato recebida para tentar discutir suas dificuldades a pedido de seu médico. Em seguida, ela foi encaminhada para um local mais próximo de sua casa, em uma cidade próxima, para um trabalho psicoterapêutico.